

PARCERIA UNIVERSIDADE-ESCOLA: A MEDIAÇÃO DA OLIMPIÁDA DE LÍNGUA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

SCHOOL-UNIVERSITY PARTNERSHIP: THE MEDIATION OF PORTUGUESE LANGUAGE OLYMPICS IN INITIAL TEACHER TRAINING

Lidiane Escaravaco Borges Rosa¹
liborgesrosa@hotmail.com

Eliana Merlin Deganutti de Barros²
edeganutti@hotmail.com

Sueli de Fátima Santos³
suelidabetel@ig.com.br

Resumo: Este trabalho é resultado da participação no projeto de extensão “Parceria universidade-escola na olimpíada de língua portuguesa: a sequência didática como ferramenta de ensino-aprendizagem da língua”, coordenado pela professora Dr^a. Eliana Merlin D. de Barros, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procópio. O objetivo do projeto era auxiliar professoras atuantes no Ensino Fundamental II a desenvolverem as sequências didáticas dos cadernos da Olimpíada de Língua Portuguesa. Neste artigo, apresentamos uma análise do trabalho desenvolvido no período de dois meses, as dificuldades encontradas e os resultados obtidos. Nossa análise é fundamentada nos estudos dos pesquisadores de Genebra, da vertente didática do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, DOLZ, SCHNEWLY, entre outros).

Palavras-chave: Crônicas. Olimpíada de Língua Portuguesa. Sequência Didática.

Abstract: This current work was a result of the participation in the “Parceria universidade-escola na olimpíada de língua portuguesa: a sequência didática como ferramenta de ensino-aprendizagem da língua” extension project, coordinated by teacher Dr. Eliana Merlin D. De Barros, from Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Cornélio Procópio College. The project’s objective was to help active teachers on basic education II to develop the didactic sequences from the Portuguese Language Olympics notebooks. On this article we present an analysis of the work developed in a two month period, the difficulties found and the results. Our analysis is based on the studies of researchers from Genebra, on the didactic strand of Socio-discursive interactionism (BRONCKART, DOLZ, SCHNEWLY, and others).

¹ Graduada em Licenciatura em Letras (Português/Inglês) pela Universidade do Norte do Paraná de Cornélio Procópio (2013) e em Comunicação Social - Jornalismo pela Faculdade Cristo Rei (2006). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade do Norte do Paraná - Campus Cornélio Procópio (2015).

² Mestre e doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Professora adjunta do curso de Letras/Anglo da Universidade Estadual Norte do Paraná (UENP/Cornélio Procópio).

³ Graduada do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês na Universidade Estadual Norte do Paraná.

Keywords: Cronics. Portuguese Language Olympics. Didactic Sequence.

1 Introdução

A Olimpíada de Língua Portuguesa (doravante OLP) – Escrevendo o Futuro é um programa do Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). Foi criado em 2002 e, desde então, desenvolve ações com o objetivo de contribuir para a melhoria do ensino da leitura e escrita dos alunos de escolas públicas. Em anos pares, o projeto realiza um concurso de produção de textos entre alunos do Ensino Fundamental II e do primeiro ano do Ensino Médio. Para alcançar seus objetivos, o projeto se fundamenta na metodologia da Sequência Didática (doravante SD), criada pelos pesquisadores de Genebra. Para cada etapa (do 6.º ao 1.º ano do Ensino Médio), a OLP desenvolveu um material que trabalha um gênero textual diferente.

No ano de 2012, tivemos a oportunidade de participar do projeto de extensão “Parceria universidade-escola na olimpíada de língua portuguesa: a sequência didática como ferramenta de ensino-aprendizagem da língua,” coordenado pela Profª. Dra. Eliana Merlin Deganutti de Barros, da Universidade Estadual do Paraná (UENP), no *campus* de Cornélio Procopio. O projeto tinha como objetivo auxiliar professoras atuantes no Ensino Fundamental a desenvolverem a SD da OLP. Durante os meses de maio e junho, estivemos auxiliando uma professora da rede pública de ensino a desenvolver a SD de crônicas da OLP em uma turma de nono ano. A experiência foi tão significativa para nossa formação inicial, que decidimos fazer da nossa participação no projeto o objeto de pesquisa do nosso trabalho de conclusão de curso de Letras (2010-2013).

Este trabalho, então, tem o objetivo de relatar e analisar nossa experiência com a SD de crônicas da OLP, as dificuldades encontradas durante o processo, os resultados obtidos e nossas impressões sobre a eficiência da metodologia em contexto de escola pública.

Para alcançarmos os objetivos, apresentamos, no primeiro tópico, a engenharia didática do Interacionismo Sociodiscursivo, que é a fundamentação teórica da OLP. Em seguida, trazemos as características do gênero objeto da sequência didática por nós desenvolvida: a crônica. Por fim, chegamos ao relato e análise de nossa experiência no projeto, cujo foco centra-se na comparação da SD original do Caderno da OLP com a SD por nós adaptada e efetivamente desenvolvida.

2 O Interacionismo Sociodiscursivo e sua engenharia didática

Segundo Bronckart (2009), o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é uma corrente teórica baseada nos estudos vigotskianos, que considera que a interação do homem com o mundo acontece por meio de instrumentos/ferramentas. Dentre esses instrumentos, a linguagem, sistema de signos, desempenha um papel fundamental, uma vez que é por meio dela que o pensamento humano se desenvolve. Além disso, para Vigotski (2008), a linguagem desempenha, sobretudo, uma função social e comunicativa. Partindo desse princípio, Bronckart (2003) afirma que o indivíduo, desde seu nascimento, é mergulhado em um universo de linguagem, de modelos textuais pré-existentes, que estão em constante transformação e têm quantidade ilimitada, o que se convencionou denominar *gêneros textuais*. Na definição de Bakhtin (1997), os gêneros de textos são enunciados concretos com relativa estabilidade momentânea, que circulam nas mais diversas esferas da comunicação humana.

Dessa forma, se o pensamento humano se desenvolve por meio de linguagem e essa é configurada em gêneros de textos, a vertente didática do ISD, desenvolvida por Grupo de Genebra (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), defende a ideia de que o ensino da língua deve focar no desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos a partir de sua inserção em práticas de linguagem concretas. O foco das pesquisas da vertente didática do ISD é o estudo de fatores envolvidos na *transposição didática* dos mais variados gêneros, sejam eles orais ou escritos.

A *transposição didática*, segundo Machado e Cristovão (2006, p. 552), define-se como “[...] um conjunto das transformações que um determinado conjunto de conhecimentos necessariamente sofre, quando temos o objetivo de ensiná-los, trazendo sempre deslocamentos, rupturas e transformações diversas a esses conhecimentos”. Ainda de acordo com as autoras, essas transformações passam por três níveis básicos: (1) primeiramente, o “conhecimento científico” passa por uma transformação e se torna “conhecimento a ser ensinado”; (2) depois, se transforma em “conhecimento efetivamente ensinado”; (3) finalmente, constitui-se em “conhecimento efetivamente apreendido”.

A partir dos níveis descritos pelas autoras, Barros (2012) afirma que podemos considerar que a transposição didática possui duas etapas: uma externa e uma interna. A transposição didática interna se refere ao primeiro nível, ou seja, é a transformação dos

conhecimentos científicos em conhecimentos ensináveis. A transposição externa, por sua vez, está ligada aos segundo e terceiro níveis citados por Machado e Cristovão (2006), o que caracteriza exatamente a transformação dos conhecimentos ensináveis em conhecimentos a serem ensinados, ou seja, em ensino propriamente dito. Essa etapa compreende a prática na sala de aula.

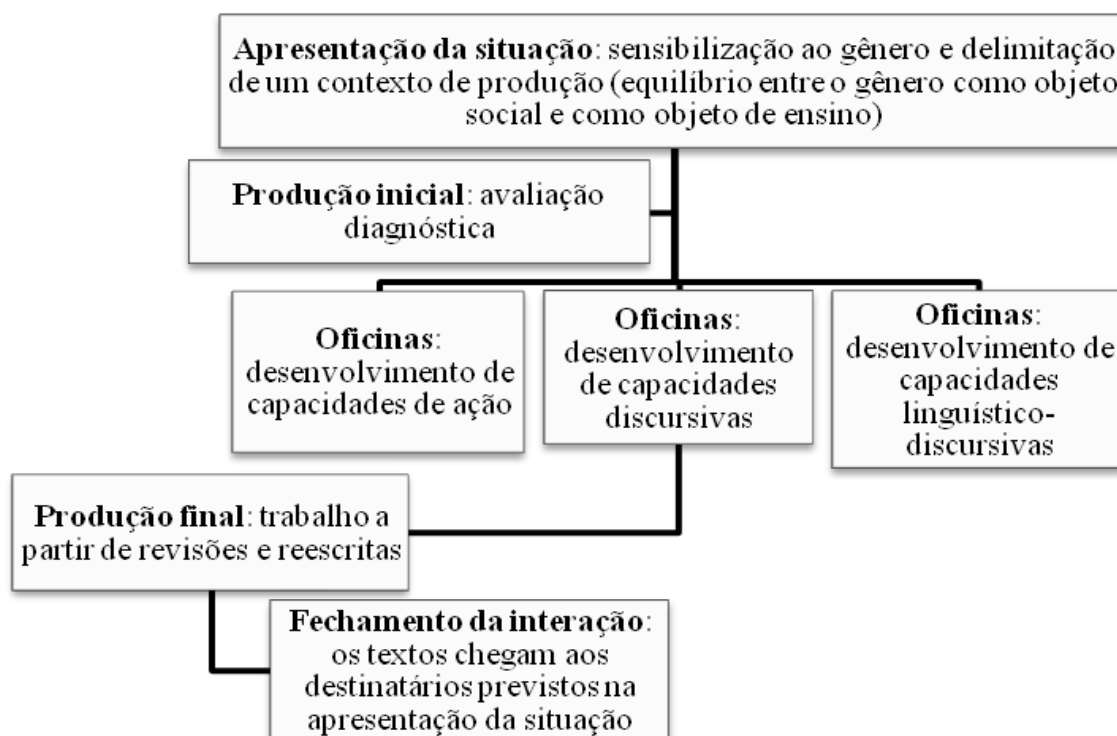
Para que ocorra a transposição didática de um gênero textual, o Grupo de Genebra elaborou duas ferramentas didáticas, o *modelo didático de gênero* e a *sequência didática* (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). O trabalho com os gêneros textuais na metodologia da Sequência Didática visa a instrumentalizar o aluno, para que se aproprie de determinada prática de linguagem. Para tanto, as oficinas/módulos devem ser trabalhadas baseadas no desenvolvimento de capacidades de linguagem.

Essas capacidades de linguagem são classificadas, segundo o Grupo de Genebra (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), em:

- a) **Capacidades de ação:** capacidade responsável pela representação do contexto de produção textual (Quem escreve? Para quem escreve? Com qual propósito? Onde o texto é publicado? etc.)
- b) **Capacidades discursivas:** capacidade relacionada à infraestrutura geral do texto, tipologia textual, plano textual global.
- c) **Capacidades linguístico-discursivas:** capacidade responsável pelos mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos.

O quadro elaborado por Barros (2013) apresenta as fases da SD propostas pelos pesquisadores de Genebra:

Figura 1: Fases da SD



Fonte: Barros (2013)

Como podemos observar, a SD inicia com a *apresentação da situação*, momento de fundamental importância para o sucesso do processo didático, pois é nessa primeira fase que o professor apresenta aos alunos não só o gênero em si, mas a prática de linguagem em que está inserido, o propósito de comunicação e o problema de comunicação a ser resolvido com a produção do gênero. É imprescindível que, nesta fase, o professor deixe claro, ao apresentar o projeto, que os textos produzidos não apenas servirão para obtenção de notas, mas completarão uma interação, ou seja, serão publicados de alguma forma, seja em um livro, *blog*, *site*, mural na escola, jornal etc.

A próxima etapa é a *primeira produção*: com base na apresentação da situação feita pelo professor e em seus conhecimentos prévios, os alunos deverão produzir um texto do gênero textual em questão. Essa é uma fase diagnóstica, na qual o professor poderá sondar as maiores dificuldades dos alunos na produção textual e saber quais capacidades de linguagem deverão ser focadas no desenvolvimento da SD.

Feito isso, é o momento das oficinas ou módulos que trabalham os problemas

específicos do gênero. A partir do diagnóstico feito com a primeira produção, o professor elaborará as próximas atividades (ou adaptará as oficinas já elaboradas, no caso de trabalhar com uma SD pronta), sempre focando as particularidades que caracterizam o gênero que está sendo estudado. Cada oficina/módulo irá trabalhar com uma dificuldade específica do gênero, podendo ser elaboradas quantas oficinas forem necessárias.

A última etapa da SD é a produção final, quando o aluno terá a oportunidade de colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos sobre o gênero durante o processo. É o momento também em que o professor poderá avaliar o progresso de seus alunos, comparando a primeira produção com a última e, assim, validar o trabalho com a SD.

Na nossa análise sobre a SD de crônica da Olimpíada de Língua Portuguesa, vemos como o Caderno está estruturado, de acordo com o esquema dos estudiosos de Genebra, e de que forma seus elaboradores planejaram o trabalho com cada etapa da SD. Porém, antes de iniciar nossa análise, apresentamos as principais características e peculiaridades do gênero textual alvo do Caderno analisado – a crônica literária.

3 Sobre a crônica

A crônica é um gênero textual que não ocupa muitas páginas do jornal (seu suporte, por excelência). Apesar de não ser um texto extenso, seu estudo não é tão simples. Segundo Simon (2004, p. 55), “o estudo da crônica sempre esbarra [...] na controvérsia gerada pelo seu veículo de origem: o jornal”. A crônica nasce no jornal, mas pode migrar, dependendo do seu caráter atemporal, para a esfera literária (coletânea de crônicas). Para o autor, não há como desconsiderar essa particularidade ao realizar qualquer tipo de pesquisa que envolve esse gênero. Para Simon (2004), a característica híbrida da crônica (mescla da esfera jornalística e literária) não a priva do estatuto artístico, mas há de se levar em consideração o seu vínculo com a esfera jornalística. Mesmo porque a relação do cronista com o jornal é pautada por cláusulas, limite de espaço, contratos e prazos a serem cumpridos, o que faz com que o gênero sofra coerções linguístico-discursivas e temáticas.

Existem diversas modalidades de crônicas: narrativa, reflexiva, humorística, policial, esportiva, política, econômica, literária etc. Algumas crônicas, entretanto, pelo assunto tratado, pela linguagem empregada, pela perenidade discursiva, e, evidentemente, pela capacidade de criação literária do cronista, tornam-se atemporais, o que permite serem transpostas para outro suporte: o livro. Dessa forma, tornam-se literárias (evidentemente,

também está em jogo a própria intenção do cronista, pois nem todo cronista é um literato nem tem a pretensão de ser).

Para nossa pesquisa, interessa-nos o estudo da crônica literária, pois é esse gênero que a OLP trabalha com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental. A coletânea de textos presentes na SD traz crônicas de autores do cânone literário publicadas originalmente em jornais, mas depois transpostas para livros (coletâneas).

Simon (2004) afirma que muitos estudiosos da literatura criticam a transposição da crônica para o livro, por considerarem esse suporte inadequado para a crônica, indicando que esta perderia seu impacto sobre o leitor e se tornaria monótona. Pesquisadores como Massaud Moisés, como cita Simon (2004), acreditam que a crônica não comporta a releitura, pois, no livro, o leitor faria a leitura em série, e isso possibilitaria que ela perdesse sua característica de surpreender. Como diz o autor:

Trata-se de um argumento duvidoso, uma vez que não é porque o leitor tem em mãos um livro que ele necessariamente fará uma leitura em série dos textos ali incluídos. Além disso, querer determinar, antever ou adivinhar a reação dos leitores constitui uma atitude sujeita a outras formas de equívoco. (SIMON, 2004, p. 56).

Sá (1985) também defende a inclusão da crônica no livro e afirma que a mudança de suporte implica a mudança de atitude do leitor consumidor, uma vez que o leitor do jornal tem pressa na leitura e também está envolvido com os textos informativos. O leitor do livro é mais seletivo e tem uma postura mais reflexiva diante da leitura. “Assim, quando a crônica passa do jornal para o livro, amplia-se a mágica do texto, permitindo ao leitor dialogar com o cronista de forma bem mais intensa, ambos agora mais cúmplices no solitário ato de reinventar o mundo pelas vias da literatura”. (SÁ, 1985, p. 85-86).

Além disso, a inclusão da crônica no livro a torna mais duradoura, já que os textos que perdem sua atualidade não entram na seleção do autor. Como afirma Candido (1992, p. 14-15), “quando passamos do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade possa ser maior do que ela própria pensava”.

Para Candido (1992), a crônica é um gênero menor, pois é impensável uma literatura feita de grandes cronistas, que obtenham o mesmo prestígio dos grandes romancistas. Porém, o autor afirma que esse fato faz com que a crônica esteja mais próxima do leitor, isso porque “elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (CANDIDO, 1992, p.13).

Entretanto, Simon (2004) apresenta diversos autores que entraram para o cânone

literário justamente pela qualidade estética de suas crônicas. Um exemplo citado pelo autor é o do cronista Luis Fernando Veríssimo, um fenômeno editorial que se tornou popular pela sua escrita. Simon (2004) cita números surpreendentes da carreira de Veríssimo: mais de cinquenta livros publicados e cinco milhões de exemplares vendidos. Portanto, na visão de Simon, a crônica não pode ser considerada um gênero menor, pois existe na literatura brasileira, a consagração de grandes cronistas.

Simon (2011) destaca outra característica da crônica: a questão da sua multiplicidade. A crônica pode ser romântica, lírica, cômica, parecer um conto, um comentário ou ainda mesclar todos esses. O próprio Caderno de crônicas da OLP destaca essa multiplicidade:

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. (SIMON, 2011, p.18).

Aliás, essa proximidade da crônica com o conto é uma questão tratada por Sá (1985). Para Sá, existe uma linha tênue entre os dois gêneros, que faz com que um seja confundido com o outro. Segundo o autor, o que diferencia a crônica do conto é a densidade. Enquanto no conto o escritor busca um aprofundamento do perfil dos personagens, do tempo e do espaço da narrativa, o cronista parece ficar na superficialidade, como se sua escrita acontecesse ao acaso. Porém, como lembra o autor, nada na literatura é por acaso, e essa leveza que a crônica apresenta é o que a torna um gênero tão único.

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. (SÁ, 1989, p. 11).

Além disso, a crônica tem íntima relação com a notícia, uma vez que é a partir do fato que o cronista retira o tema e a inspiração para sua escrita. Porém, isso não é uma regra, o cronista pode buscar inspiração no cotidiano de outra forma que não seja a notícia propriamente dita. É assim que surgem as crônicas atemporais. Em relação ao ensino, Simon (2011) afirma que, apesar de a crônica estar muito presente nos livros do Ensino Médio e Fundamental, ela ainda é desprivilegiada nos currículos do curso de Letras, se levarmos em consideração o espaço dado a outros gêneros literários, como o poema, o conto e o romance. Para o autor, a crônica é um gênero que pode ser abordado em todos os níveis de ensino. O fato de ser um texto curto pode ser muito útil para o professor que não dispõe de tempo para trabalhar textos literários mais longos.

Além disso, não se trata meramente e apenas de um texto curto. Os assuntos abordados nas crônicas são os mais variados: mulher, amor, cidade, infância, política são alguns dos temas usados e abusados pelos cronistas. [...] Os recursos linguísticos e literários utilizados também são diversificados, proporcionando aos leitores contato com formas ricas e múltiplas de elaboração da linguagem. (SIMON, 2011, p. 54).

Ao professor resta o estudo do gênero, para que o seu trabalho em sala de aula se torne produtivo. O estudo permitirá ao professor a compreensão das características da crônica, seu caráter híbrido, sua multiplicidade, sua linguagem leve, sua íntima relação com a notícia etc.

4 Análise do desenvolvimento da SD

O caderno de crônicas da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), intitulado “A ocasião faz o escritor”, é composto por onze oficinas que contemplam a metodologia da Sequência Didática (SD) dos pesquisadores de Genebra. O caderno é direcionado para o professor, por meio de verbos no imperativo (comece, explore, questione), informa e dá instruções que facilitam o trabalho docente com a SD. Durante nossa participação no projeto, no desenvolvimento da SD em sala de aula, surgiram algumas dificuldades e foi necessário adaptar a SD original, para que correspondesse às necessidades reais dos alunos.

A SD de crônicas foi desenvolvida entre os dias 15 de maio a 14 de junho de 2011, no contexto de um nono ano do Ensino Fundamental, em uma escola que se localiza em uma região periférica de Cornélio Procopio, Paraná. No total foram realizadas oito das onze oficinas previstas no Caderno de crônicas da OLP, em 16 horas-aula. A seguir apresentamos a sinopse da SD efetivamente desenvolvida.

Quadro 2 – Sinopse da SD de crônicas desenvolvida

	Oficinas	Atividades/tarefas
1	Objetivos: • Apresentar o projeto da Olimpíada de Língua Portuguesa. • Estabelecer contato com o gênero textual crônica Objetos: • Contato inicial com o gênero crônica. • Apresentação do projeto da Olimpíada de Língua Portuguesa.	• Formação de uma roda de conversa e sondagem sobre os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao gênero crônica. • Apresentação da biografia do cronista Fernando Sabino. • Leitura em silêncio da crônica de Fernando Sabino “A Última Crônica”. • Leitura coletiva da mesma crônica. • Pesquisa em jornais e revistas de crônicas publicadas.

2	Objetivos: • Identificar a diversidade de estilo e linguagem entre autores e épocas diferentes. • Distinguir o tom de lirismo, ironia, humor ou reflexão em diferentes crônicas. • Ler crônicas escritas nos séculos XIX, XX e XXI Objeto: • Recursos linguísticos e linguístico-discursivos utilizados na produção da crônica.	• Divisão da turma em sete grupos. • Distribuição de crônicas de diferentes épocas (uma para cada grupo). • Leitura da crônica em grupo. • Pesquisa no dicionário de palavras desconhecidas encontradas nos textos. • Análise das crônicas quanto a tom, foco narrativo, tema, autor, época etc. • Confecção de cartazes contendo as análises dos grupos. • Apresentação dos grupos.
3	Objetivos: • Produzir a primeira escrita de uma crônica. Objeto: • Primeira produção	• Retomada coletiva da última aula. • Produção de uma crônica.
4	Objetivos: • Explorar os elementos constitutivos de uma crônica e os recursos literários utilizados pelo autor. • Empregar as figuras de linguagem. • Conhecer expressões próprias do mundo do futebol e também as diferentes formas de se tratar o tema “amor”, tendo como cenário a cidade. • Ler uma crônica de Armando Nogueira e outra de Paulo Mendes Campos. Objeto: • Figuras de linguagem	• Apresentação de quadro confeccionado pelas professoras com os diferentes tipos de figuras de linguagem. • Leitura da crônica de Armando Nogueira “Peladas”. • Divisão da turma em grupos. • Entrega de palavras (jargões) do mundo futebolístico para os grupos. • Pesquisa no dicionário das palavras recebidas. • Discussão sobre o significado das palavras. • Classificação das figuras de linguagem encontradas nos textos. • Correção das atividades. • Leitura da crônica de Paulo Mendes Campos “O amor acaba”. • Entrega das crônicas (primeira produção) corrigidas.

5	Objetivos: • Compreender o tema solicitado para a crônica “O lugar onde eu vivo”. • Ler crônicas premiadas nas edições anteriores da OLP. Objeto: • O tema da crônica “O lugar onde eu vivo”	• Apresentação com data show de slides com a história da cidade, diversas fotos da cidade com pontos turísticos e lugares mais conhecidos. • Apresentação de clipe editado pelas professoras com fotos da cidade e da escola. • Apresentação de slides com metáforas do cotidiano. • Leitura de duas crônicas vencedoras da OLP.
6	Objetivos: • Refletir sobre a diferença entre notícia e crônica. • Identificar os recursos de estilo e linguagem na Crônica “Cobrança” de Moacyr Scliar. Objetos: • As diferenças entre os gêneros textuais notícia e crônica. • Factual e fictício.	• Leitura da crônica “Cobrança”, de Moacyr Scliar. • Levantamento do contexto de produção • Leitura de uma notícia retirada de um jornal • Levantamento do contexto de produção • Discussão das diferenças entre os dois gêneros textuais.
7	Objetivos: • Escolher fatos, situações ou notícias que serão foco da crônica e obter informações sobre eles. • Retomar as crônicas trabalhadas até o momento e analisar: tema, situação escolhida, tom do texto e foco narrativo. • Escrever uma crônica como exercício preparatório à realização do produto final. Objetos: • Assuntos que merecem uma crônica.	• Entrega de recortes de notícias de um jornal da cidade. • Seleção dos assuntos relevantes sobre a cidade. • Confecção junto com a sala de um cartaz com a síntese de todas as crônicas vistas até o momento.
8	Objetivos: • Apurar o olhar para o lugar onde se vive. • Esclarecer dúvidas a respeito do foco narrativo e de como iniciar uma crônica. Objeto: • Produção Final	• Retomada do que os alunos aprenderam sobre o gênero em questão. • Auxílio individual aos alunos com dificuldades. • Reescrita individual da primeira produção.

Na oficina n.1, o caderno traz atividades referentes à fase da *apresentação da situação*, sugerindo ao professor que trabalhe bem esse passo, pois o entusiasmo da turma depende da motivação do professor. Pede que o professor apresente o projeto com o

cronograma de atividades que serão realizadas até o final do trabalho com a SD e delimite bem os objetivos do projeto. A primeira atividade é uma sondagem sobre a OLP. O professor é orientado a não dar todas as informações sobre o concurso no primeiro momento, mas solicitar dos alunos conhecimentos prévios sobre o assunto.

Após essa primeira conversa, o professor deve apresentar o projeto e falar da importância da participação de todos. Depois, o professor é orientado a introduzir o gênero. Nessa parte, são trabalhadas as *capacidades de ação* da crônica: quem escreve para quem escreve, com que propósito, onde circula e em quais suportes. Em seguida, o caderno traz a leitura da crônica de Fernando Sabino “A Última Crônica”, e uma breve biografia do autor. Em todas as oficinas, as crônicas a serem lidas são antecedidas por um texto sobre a vida de seus autores, buscando a contextualização da leitura.

Iniciamos os trabalhos no dia 15 de maio. Nesse primeiro momento, seguimos rigorosamente o roteiro do Caderno. Apresentamos o projeto da Olimpíada de Língua Portuguesa – *Escrevendo o Futuro*, de forma a incentivá-los a participar do concurso. Em seguida, a professora regente retomou o gênero crônica por meio de leituras feitas em sala de aula. Depois, realizamos coletivamente a leitura da crônica. A metodologia da SD prevê que, na apresentação da situação, além de introduzir o gênero textual que será objeto de ensino, o professor apresente também um problema de interação a ser resolvido. Ou seja, que, ao final da SD, deve haver uma interação, para que o texto do aluno tenha um propósito comunicativo. Pensando nisso e levando em consideração que apenas um texto seria escolhido para continuar na disputa da OLP, decidimos propor aos alunos a confecção de uma coletânea de textos, um livro onde todos os textos seriam publicados. Isso serviu de motivação, para que os alunos se empenhassem na produção das crônicas.

No Caderno, a apresentação da situação continua na oficina n. 2, que tem uma atividade de interpretação de texto. A sugestão é que os alunos, divididos em grupos, identifiquem, na crônica lida, o tema, os personagens, o tom da crônica, além de informações básicas como o título e o autor. No dia 17 de maio, desenvolvemos essa oficina. Como solicitado pelo material, dividimos os alunos em sete grupos e, para cada um, entregamos uma crônica diferente. A atividade previa a leitura em grupo, a pesquisa de palavras desconhecidas no dicionário e a produção de um cartaz com os elementos constitutivos da crônica. Os alunos deveriam identificar, no texto, as seguintes informações: título e obra, época e palavras daquele tempo, tema ou assunto, personagens e tom. As crônicas distribuídas foram: “A Rua do Ouvidor” (1878), de Joaquim Manuel de Macedo; “Falemos das flores (1855), redigida por

José de Alencar; “Ser brotinho” (1960), elaborada por Paulo Mendes Campos; “Conformados e realistas” (2008), de autoria de Tostão; “Quem tem medo de mortadela” (1995), de Mário Prata; “Do Rock” (2009), escrita por Carlos Heitor Cony; “A arte de ser avó (2005), elaborada por Rachel de Queiroz.

Como pudemos perceber, a seleção de crônicas para essa atividade é bem diversa: são crônicas dos mais variados tons, temas e épocas. Essa variedade que, como vimos, é uma característica desse gênero textual, dificultou o trabalho didático. Os grupos que leram as crônicas mais antigas tiveram grande dificuldade na compreensão do texto e na realização das atividades. Foi necessário que, durante a aula, nós dividíssemos os grupos, por professora. Cada uma ficou responsável por dois ou três grupos e, assim, foi possível atender a todos. Isso mostra como a participação de “professores auxiliares” ajuda no andamento pedagógico. Entendemos que projetos de ensino e extensão, com esse formato poderiam ser privilegiados pelas universidades, pois, além de serem ótimos modelos de formação de professores⁴, também contribuem, de forma significativa para o contexto de ensino-aprendizagem. Percebemos que o problema estava na seleção dos textos que, além de apresentarem uma linguagem rebuscada, traziam temas que não tinham relação com o cotidiano dos alunos. Sugerimos aos professores que venham a trabalhar com essa SD que façam outra seleção de textos para a atividade, levando crônicas mais atuais e, de preferência, humorísticas, pois percebemos que é o tipo (tom) de crônica que mais chama a atenção dos alunos.

Na oficina n. 3, o Caderno prevê a primeira produção. Novamente os alunos fazem uma atividade de reconhecimento dos elementos que compõem uma crônica. Após esta atividade, o professor é orientado a solicitar a primeira escrita. O Caderno traz uma orientação específica para o professor sobre essa primeira produção textual, explicando que ela é diagnóstica e servirá para orientar o restante do trabalho com a SD; também faz um roteiro de análise dos textos dos alunos. Essa oficina foi desenvolvida no dia 22 de maio. Nós solicitamos a primeira produção textual, apresentamos o tema “O lugar onde vivo” e retomamos os elementos da crônica vistos na aula anterior. A metodologia da SD diz que essa primeira produção tem função diagnóstica, ou seja, serve para verificarmos o nível de produção textual do aluno, seu conhecimento sobre o gênero em questão, suas maiores necessidades para, assim, orientar o restante do trabalho. Para a correção, seguimos o roteiro

⁴Formação docente, tanto inicial como continuada, uma vez que o professor regente também acaba aprendendo com os professores em formação, pois estes trazem sempre “novidades” teórico-metodológicas para o contexto da sala de aula.

apresentado no Caderno e diagnosticamos as principais dificuldades dos alunos em escrever a crônica sobre o tema solicitado. As principais dificuldades encontradas foram:

- dificuldade em escrever sobre “o lugar onde vivo”: a maioria escreveu de forma depreciativa sobre o bairro onde moram, desconsiderando a cidade. Por ser um bairro de periferia, o tema mais recorrente foi a “violência”. É como se os alunos aproveitassem a oportunidade para mostrar a sua realidade social, é como se fosse um “grito de alerta”;
- dificuldade na caracterização do gênero: por esse fator relatado acima, a maioria não conseguiu escrever uma crônica, mas uma carta de reclamação;
- confusão entre título e tema: os alunos não entendiam que o tema “era lugar onde vivo”, e não o título da crônica;
- dificuldade em utilizar figuras de linguagem;
- dificuldade em utilizar a norma culta da língua: ortografia, concordância nominal e verbal, acentuação etc.

Com as crônicas produzidas em mãos, percebemos que teríamos que adaptar a sequência, priorizar mais a estrutura textual da crônica e, principalmente, trabalhar melhor o tema “o lugar onde vivo”. A escola está localizada entre bairro de periferia; os alunos conviviam com a violência e criminalidade, e isso foi refletido nos textos produzidos. Os textos relatavam a violência no bairro, o tráfico de drogas etc. Com esses dados, percebemos que seria necessário criar uma oficina que tivesse como objeto de ensino o tema “o lugar onde vivo”.

A oficina do n. 4 aborda as figuras de linguagem, um dos objetos de ensino do texto literário. Por meio da leitura da crônica de Armando Nogueira, “Peladas”, que tem como tema o futebol, os alunos são apresentados às diversas formas de figuras de linguagem que são características da crônica. O professor é orientado a confeccionar cartões com jargões do mundo futebolístico. Separados em grupos, os alunos devem encontrar no dicionário o significado dessas palavras. A atividade é bem interessante, pois motiva os alunos em torno de um assunto divertido. Após a tarefa com a crônica “Peladas”, o caderno solicita a leitura de outro texto, a crônica de Paulo Mendes Campos “O Amor Acaba”. A crônica trabalha com o tom romântico, e a atividade sugerida é de interpretação de texto e levantamento do contexto

de produção.

Essa oficina desenvolvida por nós no dia 24 de maio e, no nosso ponto de vista, foi uma das que mais chamaram a atenção dos alunos, pois eles se mostraram bastante interessados pelo tema da primeira crônica: o futebol. Essa oficina explora os jargões do mundo futebolístico. Em grupos, os alunos receberam palavras que deveriam procurar no dicionário. Após essa atividade, solicitamos que classificassem as figuras de linguagem encontradas no texto, e destacamos a importância dessas palavras na construção da crônica.

O mesmo interesse não aconteceu após a leitura da segunda crônica, pois, ao discutirmos o texto, os alunos demonstraram que não haviam gostado da leitura, por considerar o texto “chato”. Um dado interessante em relação a essa oficina é que, na produção final, a crônica “Peladas” serviu de modelo ou inspiração para a maioria dos alunos, que escolheram o mesmo foco para a última produção. É interessante que mesmo a SD não oferecendo um único modelo de crônica para o aluno, ele acaba escolhendo, por conta própria, um tipo de crônica para orientar sua produção. Assim como Vigotski (2008), acreditamos que a apresentação de um modelo a ser imitado é fundamental no processo de internalização de conhecimentos. A variedade de crônicas em tons diferentes pode, em certos casos, confundir os alunos, que talvez não compreendam ou não saibam identificar o que realmente é uma crônica.

A oficina n. 5 do Caderno trabalha exclusivamente com o autor Machado de Assis, pois os produtores do Caderno o consideram um cronista brasileiro de grande relevância. A oficina não trabalha com uma capacidade de linguagem específica, pois o foco é a produção de crônicas do autor. Pensando nisso, em vez de desenvolver a oficina prevista, no dia 29 de maio desenvolvemos a oficina que elaboramos para trabalhar especificamente o tema da crônica solicitada pela OLP: “o lugar onde vivo”. Nosso objetivo era motivar uma reflexão sobre o lugar onde os alunos vivem que, no caso, não é apenas o bairro, mas a cidade de Cornélio Procopio.

Para alcançar nossos objetivos, começamos a aula contando a história de como surgiu a cidade e como ela se desenvolveu ao longo do tempo. Muitos alunos não conheciam a história da cidade, como ela surgiu, o motivo de receber o nome Cornélio Procopio etc. Em seguida, apresentamos um vídeo que produzimos com imagens da cidade: a avenida principal, o comércio, os pontos turísticos, a escola onde os nossos alunos estudavam e, por fim, a sala de aula. Nosso objetivo com o vídeo era mostrar que os alunos fazem parte da cidade, são cidadãos procopenses e não estão à sua margem. Os alunos reagiram bem a essa atividade,

surpreenderam-se ao verem a imagem da turma ao final do vídeo.

Também trabalhamos com metáforas do cotidiano, com slides a partir de imagens cujo sentido os alunos deveriam completar. Por fim, como atividade motivadora, fizemos a leitura de crônicas vencedoras da OLP em anos anteriores. O objetivo era demonstrar que qualquer aluno de escola pública é capaz de escrever um texto vencedor de concurso. Todas essas atividades não estavam presentes no caderno de crônicas, porque nós as desenvolvemos de acordo com o diagnóstico apresentado acima. Acreditamos que essa oficina teve seu efeito, pois sentimos uma diferença significativa entre o tom das primeiras crônicas e o das últimas, produzidas ao final do projeto. Na produção final, o tom das crônicas foi bem diferente, muito mais leve. Os assuntos mais recorrentes foram o futebol e as brincadeiras das crianças na rua.

A oficina n. 6 trabalha com os elementos discursivos e linguísticos da crônica e de suas diferenças em relação ao gênero notícia. Após a leitura da crônica “Cobrança”, de Moacyr Seliar, o professor é orientado a destacar os elementos linguístico-discursivos presentes no texto. Também nessa oficina são trabalhados o foco narrativo e os tipos de discurso. Essa oficina foi desenvolvida no dia 5 de junho, e, ao entrarmos na sala de aula, percebemos o cansaço dos alunos com a SD. Dessa forma, decidimos encurtar a SD para oito oficinas, para que eles não se sentissem desmotivados na produção final.

Na oficina n. 7, o objetivo do Caderno é que os alunos sejam motivados a pensar em assuntos que mereçam uma crônica e que se enquadrem no tema do concurso, “O lugar onde vivo”. A oficina também pede que o professor solicite a produção de uma crônica, com o tema da Olimpíada, “como exercício preparatório à realização do produto final” (p. 85). Não desenvolvemos essa oficina, pois consideramos que realizar mais uma escrita além da produção final seria bastante complicado, pois o professor não disporia de tempo para trabalhar de forma satisfatória todas as produções solicitadas pelo caderno. Além disso, mais uma produção para uma turma que já demonstrava cansaço no estudo do gênero crônica, poderia desmotivá-los. No dia 12 de junho desenvolvemos uma oficina adaptada: entregamos jornais aos alunos e solicitamos que procurassem notícias referentes à cidade e que tratassem de assuntos que merecessem uma crônica. Fizemos a discussão sobre possíveis assuntos a serem abordados e trabalhamos também a questão do foco narrativo.

A oficina n. 8 sugere que o professor peça aos alunos que fotografem cenas do cotidiano que possam ser narradas em uma crônica. Nessa etapa, também são trabalhadas atividades relacionadas ao foco narrativo. Essa oficina não foi realizada pelos motivos já explicitados, como a falta de tempo e o cansaço dos alunos, por exemplo. As atividades

relacionadas ao foco narrativo foram realizadas no dia 12 de junho, na oficina n. 7.

Na oficina de n. 9, o professor é orientado a realizar uma escrita coletiva de uma crônica baseada em uma notícia. Não realizamos a escrita coletiva, pois a professora regente preferiu focar o trabalho na reescrita individual das primeiras produções. Nós discordamos desse ponto de vista, mas acatamos essa orientação. Para nós, a escrita coletiva pode ser muito significativa se o professor souber orientar essa atividade. Muitas dúvidas podem ser sanadas durante a escrita coletiva. Isso não acontece no atendimento individual: mesmo havendo três professoras em sala em aula, não foi possível atender de forma satisfatória as dúvidas de 22 alunos.

As oficinas n. 10 e n. 11 são relativas à produção final. Os alunos são orientados, na décima oficina, a escrever uma crônica, que será aperfeiçoada na próxima. Como sentimos a necessidade de encurtar a SD, no dia 14 de junho realizamos a produção final das crônicas. Dessa forma, entregamos a primeira crônica produzida por eles com as correções feitas. Produzimos um bilhete para todos os alunos com orientações de como melhorar sua crônica (Ruiz (2013) chama tal procedimento de correção textual-interativa). Nesse dia, auxiliamos os alunos com maiores dificuldades. As crônicas foram entregues à professora regente, que fez uma pré-seleção e encaminhou-as para uma comissão julgadora.

No mês de agosto, retornamos à escola e auxiliamos os alunos na digitação de suas produções, para organizar a coletânea de narrativas. Chamamos de narrativas, pois alguns alunos não conseguiram produzir um texto no gênero crônica. Para não descartá-las do livro, mudamos o nome da publicação. Porém, apesar de nem todos os alunos apreenderem as características do gênero em questão, consideramos que nosso trabalho surtiu efeito, pois houve uma clara melhora na escrita dos alunos. Além de conseguirem mudar o foco do texto (não mais para a violência do bairro, e sim para outros aspectos cotidianos), os alunos apresentaram progresso na utilização das figuras de linguagem e da norma culta da língua.

A SD apresentada no Caderno de cônicas da OLP, no primeiro momento, pode parecer muito extensa, afinal são onze oficinas com atividades de leitura, escrita e oralidade. Mas isso é proposital: o Caderno oferece um número maior de oficinas/módulos para que o professor possa fazer adaptações de acordo com a realidade da sala de aula. Dessa forma, queremos destacar aqui a importância da formação do professor para trabalhar com a metodologia da SD. Um professor que não conhece essa metodologia pode entender que é necessário realizar todas as oficinas/módulos, da forma apresentada no Caderno. Se assim entender, engessa o procedimento didático, fazendo, muitas vezes, com que o trabalho se torne cansativo e

desestimulante para os alunos. Mais uma vez, queremos deixar claro que o desenvolvimento dessas SD deve ser adaptado de acordo com as necessidades do contexto de intervenção, as quais podem ser levantadas na fase diagnóstica da SD.

O caderno de crônicas da OLP, de modo geral, é um ótimo material orientador para o trabalho do professor que quer desenvolver uma SD em sala de aula, e não apenas um material para a participação em um concurso de produção de texto. Queremos apenas fazer uma observação em relação à coletânea de crônicas presentes no caderno. Os textos são crônicas de autores consagrados e, portanto, de relevância literária. Quem fez essa seleção, possivelmente deve ter-se preocupado em oferecer textos consagrados, do cânone literário. Porém, em muitos casos, essas crônicas apresentam referências a costumes antigos e com uma linguagem que, além de ser de difícil interpretação para alunos do nono ano do Ensino Fundamental, provoca certa “monotonia” na leitura. Tal seleção textual prejudica, inclusive, a percepção que os alunos têm da crônica, pois a concebem como um gênero dinâmico, de fácil acesso e tão “atual” (no sentido de ser um texto muito lido na atualidade – SIMON, 2004).

Além disso, a coletânea é bem diversa, apresentando crônicas de tipos variados: reflexivas, humorísticas, românticas etc. Ou seja, a SD não apresenta um modelo mais ou menos estável de texto para os alunos terem como orientação na produção de suas crônicas. Isso, por consequência, atrapalha a condução da SD, uma vez que, ao trabalhar vários modelos do gênero, o aluno não recebe direcionamento discursivo-linguístico para um tipo específico. Isso, certamente, se reflete na produção final.

5 Considerações finais

Quando iniciamos nossa participação nesse projeto, não imaginávamos o quão significativa seria a experiência. Desde a leitura das primeiras produções realizadas pelos alunos, percebemos o grande desafio que tínhamos pela frente: não apenas desenvolver uma SD com alunos de um nono ano, mas conduzi-los a uma reflexão sobre a realidade que os cerca. Na primeira produção, quase todos escreveram sobre suas experiências na comunidade onde vivem relacionadas à violência do bairro, utilizando uma linguagem muito descritiva, áspera, comum. Percebemos, então, a necessidade de desenvolver um trabalho com a linguagem e com a leveza da crônica, de maneira que pudessem compreender “como dizer”, “como falar”, “como escrever” sobre algo do seu cotidiano de maneira suave.

Ao logo do desenvolvimento da OLP, constatamos que um professor leigo na teoria da

SD não saberá aproveitar o material da OLP, que é excelente, e poderá cair no engano de querer aplicá-la sem as devidas adaptações. O material da OLP foi elaborado para que o professor pudesse adaptá-lo a seu contexto, como acreditamos que deveria ser todo material didático que chega às escolas. A adaptação do material pode ser mais sutil, outras vezes, mais complexas, dependendo, por exemplo, do tempo disponível para desenvolver o projeto, o nível dos alunos, ou se o professor já trabalhou com mesmo gênero em outro momento.

Essa parceria entre Universidade e escola só fez com que a nossa formação se tornasse mais significativa, porque pudemos vivenciar na prática do dia a dia na sala de aula todo o nosso conhecimento teórico sobre o ensino de Língua Portuguesa.

Acreditamos que essa experiência foi significativa para os alunos também, pois vimos a realização deles ao encontrarem seus textos publicados. A produção textual, que em sala de aula, muitas vezes, só serve para a obtenção de nota e depois é descartada, dessa vez foi eternizada em um livro. Para nós, toda produção do aluno tem seu valor e deve ser considerada, por isso mesmo as produções que não tinham características de uma crônica foram publicadas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: ____ **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-327.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Aproximações entre o funcionamento da metodologia das sequências didáticas e o conceito de zona de desenvolvimento proximal. **Revista Calidoscópico**, Unisinos, v. 11, n. 1, p. 76-89, jan./abr. 2013.

_____. Formação do professor e gêneros textuais: o momento pré-intervenção didática. Colóquio de estudos linguísticos e literários – CELLI. **Anais...**, [S.l.], 2010.

_____. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais**: a sequência didática como instrumentos de mediação. 2012. 358f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2012.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº. 11/2001 e Resolução CNE/CEB nº. 1/2000. **Diretrizes curriculares para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC, maio, 2000.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2 ed. São Paulo: Educ, 2009.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNHEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCNHEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada, (Org). **A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos**. Crônica (Gênero literário). Olimpíada de Língua Portuguesa 3. São Paulo: Cenpec, 2010.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SIMON, Luiz Carlos. **Do jornal ao livro: a trajetória da crônica entre a polêmica e o sucesso**. **Revista Temas & Matizes**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, n. 05, 2004. p. 50-61.

_____. **Duas ou três páginas despretensiosas**. Londrina, EDUEL, 2011.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson L. Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.